



Reconfigurando configurações: o uso do tablet em atividades arteterapêuticas

Resetting settings: using the tablet in art therapy activities

Raquel Maria Rossi Wosiack¹
Gilson Luis da Cunha²
Patrícia Brandalise Scherer Bassani³
Débora Nice Ferrari Barbosa⁴
Geraldine Alves dos Santos⁵

Resumo

A utilização do computador em contextos educacionais constitui-se em um desafio. Propomos que o cenário arteterapêutico também se utilize destes recursos. Este artigo relata quatro sessões desenvolvidas na Associação em Oncopediatria em Novo Hamburgo/RS. Importante informar-se que estes encontros eram realizados de quinze em quinze dias, porém descreve-se aqui somente o ocorrido quando da integração com a ferramenta *tablet*. O objetivo desta investigação foi relatar a utilização da ferramenta *tablet* como mais uma forma de expressão da criatividade de mães e avós cuidadoras de crianças com câncer. O presente estudo utilizou o método qualitativo de análise dos dados, constituindo-se em uma pesquisa ação, já que o pesquisador foi elemento participante do processo. Participaram do estudo treze mães e avós que exercem o papel de cuidadoras. Utilizaram-se como instrumentos as produções expressivas realizadas pelas mães/avós, suas falas e o diário da arteterapeuta. Constatou-se que as participantes beneficiaram-se do processo, expressaram seus sentimentos e vivências, reconfigurando suas próprias criações através do processo híbrido, que consiste na junção de duas ou mais formas de expressão, no caso, plástica e digital, em um mesmo trabalho.

Palavras-chave: Arteterapia. *Tablet*. Oncologia. Cuidador.

Abstract

The use of a computer in educational contexts is still a challenge in many places. We propose that the art therapy scenario also uses these resources. This article reports on four sessions developed at the Oncopediatrics Association in Novo Hamburgo / RS. It is important to inform that these meetings were held every fifteen days, but only what happened when integrating with the tablet tool is described here. The objective of this research was to report the use of the tablet tool as another way of expressing the creativity of mothers and grandmothers caregivers of children with cancer. The present study used the qualitative method of data analysis, constituting an action research, since the researcher was a participant element of the process. Thirteen mothers and grandparents who participated as caregivers participated in the study. Expressive productions made by the mothers / grandmothers, their speeches and the diary of the art therapist were used as instruments. It was found that the participants benefited from the process, expressed their feelings and experiences, reconfiguring their own creations through the hybrid process, which consists in the joining of two or more forms of expression, in this case the plastic and digital, in the same work.

Key-words: Art Therapy. Tablet. Oncology. Caregiver.

Artigo recebido em 06 de Maio de 2016 e aprovado em 04 de Setembro de 2017.

¹ Possui graduação em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977) e em Psicologia (2011) pela Universidade Feevale, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987), pós-graduação em Arteterapia pela Universidade Feevale (2001) e é doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale. E-mail: raquel.rossi@gmail.com.

² Universidade Feevale, Brasil. E-mail: gilsonlcunha@feevale.br.

³ Universidade Feevale, Brasil. E-mail: patriciaB@feevale.br.

⁴ Universidade Feevale, Brasil. E-mail: deboranice@feevale.br.

⁵ Universidade Feevale, Brasil. E-mail: geraldinesantos@feevale.br.

Introdução

Os resultados da pesquisa de Eltz; Bassani (2013) intitulado *Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) - Educação 2011* mostram que apesar de todo o investimento realizado para a introdução das TICs na educação, o uso do computador e da internet por professores em atividades desenvolvidas nas escolas com seus alunos se constitui ainda em um desafio. (ELTZ; BASSANI, 2013). Desafio maior ainda seria o de poder utilizar estes recursos em uma abordagem terapêutica. Ressalta-se que o processo de ensino-aprendizagem não acontece só na escola, ao participar ou realizar um atendimento terapêutico ele também pode estar presente.

A Arteterapia é uma área de conhecimento transdisciplinar e, por isto, seria já *a priori* um campo fértil para esta experiência. Redes de informação e de comunicação constituem a nova morfologia de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. (CASTELLS, 2002). A partir deste pressuposto, fica claro que é preciso pensar em novas práticas para a educação, para a terapia e para a vida. Buscando-se estas novas práticas e envolvendo a utilização de recursos móveis é que foram estruturados os objetivos do presente estudo.

Portanto, este artigo relata uma atividade entre tantas outras desenvolvidas na AMO – Associação em Oncopediatria em Novo Hamburgo/RS, com um grupo de mães de crianças com câncer intitulado CQC – Cuidando de quem cuida, no qual buscou-se uma integração com o projeto “Aprendizagem com mobilidade - análise do impacto do uso de tecnologias móveis no processo de ensino e aprendizagem em crianças e adolescentes com necessidades de tratamento oncológico” em desenvolvimento na AMO. O projeto tem parceria com a Universidade Feevale e financiamento do CNPq e visa analisar o impacto do uso das tecnologias móveis (*tablets*) no processo de ensino e aprendizagem em crianças com câncer. A partir da utilização dos *tablets* pelas crianças com câncer, dentro do projeto citado, pensou-se na possibilidade destes mesmos recursos serem utilizados para desenvolver atividades de Arteterapia com as mães destas crianças, uma vez que elas acompanham os filhos nas atividades da AMO. As mães eram atendidas em sessões arteterapêuticas desenvolvidas a cada quinze dias dentro desta instituição.

Desta maneira, o objetivo geral deste estudo foi o de relatar a utilização da ferramenta *tablet* como um elemento diferenciado na possibilidade de expressão da criatividade de mães e avós, cuidadoras de crianças com câncer, em atividades arteterapêuticas; e os específicos foram: identificar se havia interferência na expressão dos participantes com a utilização de meios híbridos e verificar quais seriam as reações das participantes ao utilizar a ferramenta *tablet*.

Arteterapia como apoio ao tratamento Oncológico

A Arteterapia é uma área de conhecimento transdisciplinar na sua essência e, por isso, extremamente ligada a outras áreas como a Arte, a Educação e a Psicologia. A Arteterapia oferece um espaço de escuta, de acolhida e de transformação. Além disso, a Arteterapia é especialmente eficaz na intervenção com sujeitos que têm dificuldade de comunicação verbal ou de acessar aspectos que perturbam o seu viver, pois se utiliza muito do imagético. Pode ser aplicada com todo tipo de população: crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, pessoas portadoras de necessidades especiais, idosos, mulheres, homens. (WOSIACK; MENEGOTTO; RENNER; SANTOS, 2013).

O propósito da arteterapia é dar forma e materialidade ao que é intangível. Assim, a arte cumpre a função de liberar, comunicar, estruturar, transformar e transcender, configurar símbolos, deixar fluir sonhos, conflitos, desejos, afetos, energia psíquica bloqueada, e o arteterapeuta deve acolher essa liberação. Com o manuseio e a experimentação de materiais diversos, em atmosfera acolhedora e protegida, auxilia-se o despertar da percepção, da sensorialidade. (PHILIPPINI, 2004).

Além disso, é importante informar-se que a arteterapia é um processo em que tanto o terapeuta como os participantes do grupo colocam a “mão na massa” e, ao explorar texturas, formas, curvas, cavidades, linhas e cores, ambos beneficiam-se com as propriedades terapêuticas, passam a ser criativos, não mais se limitando a falar no assunto, mas executando. (PHILIPPINI, 2004).

Durante a execução, o sujeito materializa, registra, constrói, transforma, reconstrói, sendo uma oportunidade de ouvir o próprio *self*, descobrir o espaço “interno”. As sessões arteterapêuticas têm uma metodologia simples, a partir de cinco passos, iniciando pela sensibilização, seguindo para a motivação e exploração dos materiais do fazer artístico, para finalmente chegar à contemplação da obra, podendo,

neste momento concluir com o comentário das sensações percebidas durante todo esse processo. Assim, promove-se um novo olhar sobre o criado. (COLAGRANDE, 2010)

Reisin (2006, p. 48) define arteterapia como um:

Campo de saberes e práticas, gestados a partir da articulação da saúde mental e das linguagens artísticas que abordem dispositivos específicos com nexos intra e interdisciplinares, cujos objetos se emolduram na promoção da saúde mental.

A Arteterapia é também um processo terapêutico, que ocorre através da utilização de modalidades expressivas diversas, permitindo que o participante demonstre através de símbolos seus conflitos e afetos. Sua função social é expressar a compreensão da realidade, podendo recriá-la renovando a cultura. Sua função psicológica é proporcionar a organização das percepções, sentimentos e sensações. Ao atendermos estas duas funções: a psicológica e a social, estamos também favorecendo o desenvolvimento da criatividade, potencial inerente ao ser humano, sendo que a sua realização é uma das suas necessidades primordiais. O homem não cria porque quer, mas porque precisa, e, ao criar, o homem relaciona, forma, ordena, configura e significa.

Assim, a Arteterapia, ao trabalhar com o processo criativo, pode ser um caminho revelador e inspirador que ajuda a entrar em contato com a possibilidade abundante e generosa de acreditar, desafiar, reconstruir, criar e expressar as emoções, sentimentos e imagens que o indivíduo traz dentro de si. Ao produzir uma imagem, desenhando, pintando ou esculpindo, o indivíduo está fornecendo uma oportunidade para conhecer mais a seu respeito, tanto na forma como se relaciona com os materiais como no seu processo de criação e no resultado. (COUTINHO, 2005).

Desta forma, as expressões artísticas fazem a ponte entre o inconsciente e o consciente, e revelam arquivos guardados e escondidos em nosso imaginário, que representam lembranças, emoções e sentimentos, que ainda permanecem presentes. Ao compartilharmos recursos oferece-se a oportunidade para que outros os utilizem e busquem formas alternativas para relacionar e criar. (SHNEIDERMAN, 2006). Desta maneira, os indivíduos podem reformular configurações antes estabelecidas e de forma simbólica trabalha-se com situações que as mães como cuidadoras de crianças com câncer precisam enfrentar em suas vidas. Nas situações vivenciadas pelas mães, as configurações antes estabelecidas precisam, pelo aparecimento da doença, serem refeitas.

O câncer infantil é uma doença maligna que acomete crianças e adolescentes de qualquer raça, classe social ou cor. Nos últimos anos tem aumentado significativamente

os casos de câncer infantil. (PATERLINI; BOEMER, 2008). Atualmente, em torno de 70% das crianças tratadas em centros especializados podem ser curadas e terem uma vida normal. (ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA EM ONCOPEDIATRIA, 2013). Os principais tipos de câncer são as leucemias, os tumores cerebrais, os linfomas, outros tumores sólidos (de rim, fígado, músculos, osso etc.). De acordo com o tipo de tumor, o tratamento deve ser individualizado. Opções de tratamento são a quimioterapia, a radioterapia e a cirurgia, mas nem sempre se podem utilizar todas elas, pois cada tipo de câncer responde melhor a um determinado tratamento. Algumas vezes, o câncer é descoberto tardiamente e já existem “sementes” espalhadas por outros locais do corpo, nesses casos o tratamento é mais complicado e as chances de cura são poucas.

A AMO reforça que a procura de atendimento médico deve sempre ser realizada quando as crianças apresentarem sintomas tipo: dores nas pernas, hematomas, manchas vermelhas na pele, palidez, dor abdominal, dores de cabeça, qualquer queixa que não seja comum deve ser valorizada, assim os diagnósticos podem ser realizados precocemente e a taxa de cura também pode ser cada vez maior. (ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA EM ONCOPEDIATRIA, 2013).

Para que o tratamento se desenvolva de forma satisfatória é muito importante o apoio dos familiares, o suporte psicológico, a ajuda do serviço social, os cuidados de higiene corporal e oral, a equipe de enfermagem preparada para trabalhar com esses pacientes, os médicos especializados nestes tratamentos e um centro de referência que englobe todas as necessidades para que o tratamento ocorra de modo satisfatório.

Considera-se cuidar como perceber a outra pessoa como ela é, e como se mostra, através de seus gestos e falas, sua dor e limitação. Portanto, este cuidar vai muito além dos cuidados com o corpo físico, pois, além do sofrimento físico decorrente de uma doença ou limitação, há que se levar em conta as questões emocionais, a história de vida, os sentimentos e emoções da pessoa a ser cuidada. (MENEZES; WEINREB; WOSIACK, 2011).

Sabe-se que o cuidador sofre uma sobrecarga social, emocional e econômica e também uma diminuição da qualidade de vida, estresse psicossocial e dificuldades para estruturar estratégias de enfrentamento diante da situação problemática, principalmente em relação à família imediata e ao cuidado da criança ou adolescente com câncer. Ele precisa conciliar suas atividades rotineiras com o agora atendimento quase integral ao paciente. Diante destas problemáticas podem emergir situações de violência. Por isso é importante que o cuidador busque ajuda também para si e isto ele pode obter em grupos

de apoio mútuo, em psicoterapia individual, em orientações da assistência social, em grupos de Arteterapia que o auxilie a manejar sua vida de forma que aprenda a lidar com o estresse resultante destas situações e possa ter uma melhor qualidade de vida.

As atividades de Arteterapia desenvolvidas no grupo CQC (Cuidando de Quem Cuida) da AMO, comuns no cotidiano dos participantes, raramente são reconhecidas como valiosas em si. Porém, as criações realizadas pelas mães/avós das crianças e adolescentes com câncer têm valor intrínseco e podem ser compartilhadas, às vezes, com resultados inesperados. Fotos, vídeos, poesias, histórias ou outros elementos criados podem ter um destino diferente do usualmente pensado. Fomentar a abertura pode possibilitar que todos participem; não se sabe que efeitos um recurso aberto é capaz de gerar, podendo até ser utilizado para a produção de um novo artefato. (AMIEL, 2012).

Desta forma, está posto o desafio de utilizar-se uma tecnologia móvel, o *tablet*, de forma que possa constituir-se em mais um instrumento no trabalho arteterapêutico desenvolvido no grupo CQC, com as mães das crianças com câncer.

Tecnologias móveis

A Internet, em especial, vem revolucionando as formas de ensinar e de aprender. As possibilidades trazidas pelas tecnologias interativas são vistas como instrumento para construção do conhecimento. Portanto, o indivíduo não é mais o elemento passivo do processo educacional, somente recebendo informação, mas tem agora a possibilidade de ser ativo, interagindo com a informação e com outros, de forma a construir seu próprio conhecimento. Nessa concepção, o conhecimento é construído a partir de um processo de interação entre o indivíduo e o objeto de conhecimento. Assim, a interação entre o sujeito e o meio permite que ele crie suas conexões e desenvolva seus conhecimentos, percebendo seu papel ativo na construção da sua aprendizagem. (BARBOSA; BASSANI, 2013).

Porém, para que a construção da aprendizagem ocorra efetivamente, dois elementos são importantes: que a aprendizagem seja significativa e que o indivíduo seja autônomo na percepção dos elementos significativos para sua aprendizagem, o mesmo é verdadeiro em relação à aprendizagem que também ocorre no contexto terapêutico. Ao tratarmos do contexto educativo estaremos nos referindo também ao arteterapêutico, já que neste também ocorre aprendizagem. Em pesquisa realizada no portal da Capes não foi encontrada referência de estudo que tenha utilizado a arteterapia juntamente com

tecnologias móveis no atendimento terapêutico de pessoas com câncer. O crescente uso das redes sem fio e de dispositivos móveis (como *tablets*, *smarthphones*, *notebooks* etc.) permite aos usuários, portando dispositivos móveis, terem acesso a serviços e dados, independente de sua localização física, tendo como suporte as tecnologias de rede sem fio. Para que as novas tecnologias possam ser mais bem assimiladas é importante que elas sejam fáceis de serem manipuladas e compreendidas. A utilização destes recursos na educação pode ser considerada como uma quebra de paradigma, já que elas não seriam apenas a representação de um modelo tradicional, mas sim o uso de ferramentas que permitiriam mobilidade. (MARÇAL; ANDRADE; RIOS, 2005). Para estes autores, a utilização de dispositivos móveis na educação criou um novo conceito, a chamada aprendizagem com mobilidade. O grande potencial deste tipo de aprendizagem para as crianças com câncer e suas cuidadoras, encontra-se na utilização da tecnologia móvel como parte de um modelo de aprendizado que se utiliza de dispositivos de comunicação sem fio, pois é comum para elas a possibilidade de hospitalização por longos períodos, o que dificulta o processo de aprendizagem usual que requer a ida da criança à escola.

No Brasil, já existem algumas experiências no uso de dispositivos móveis na educação, em seus diversos níveis. (BARBOSA; HAHN; RABELLO; PINTO, 2007; BARBOSA; SARMENTO; BARBOSA; GEYER, 2008). De acordo com os Anais do Congresso Nacional de Arteterapia, realizado no Brasil, em 2012, existem já algumas experiências conseguidas com o uso de tecnologias da informação e da comunicação, porém nenhuma destas foi feita com mães de crianças com câncer, principalmente em contexto arteterapêutico.

Entende-se que essas tecnologias, em função da sua portabilidade e possibilidade de acesso à internet, podem oferecer conhecimento às mães destas crianças, melhorando, portanto, o contato com seus filhos e informando o que eles vêm aprendendo, permitindo um compartilhar de seu mundo escolar e um acompanhar de seu desenvolvimento cognitivo. Além de possibilitar às mães um maior conhecimento das experiências vividas por seus filhos, esta atividade possibilita também que novas formas de serem trabalhados os conteúdos internos das próprias mães sejam descobertas e utilizadas. É preciso reconhecer que a utilização destas tecnologias faz surgir novas ideias sobre como viabilizar atividades arteterapêuticas em grupos, considerando a cooperação e o compartilhamento.

Castañeda; Adell (2013) informam que os *tablets* possibilitam acesso a diferentes mecanismos e atividades e, que a partir deles, pode-se proporcionar espaços de criação,

interação, descoberta e troca de informações entre os participantes de uma atividade arteterapêutica. Assim, busca-se relatar como o uso, de tecnologias móveis pode auxiliar no processo arteterapêutico e como os participantes utilizam e percebem esse recurso, no caso o *tablet*, dentro do contexto de suas vidas.

Metodologia

O presente estudo utilizou o método qualitativo de análise dos dados, constituindo-se em uma pesquisa ação. Segundo Szymanski; Cury (2004), toda investigação psicológica implica sempre uma intervenção, na qual tanto participante como pesquisador são afetados pela situação de pesquisa. Além disso, sabe-se que as pesquisas que possibilitam novas práticas educativas e clínicas desencadeiam um processo de criação.

A Associação de Assistência em Oncopediatria – AMO CRIANÇA, local onde as sessões arteterapêuticas foram realizadas, atende aproximadamente 61 crianças e adolescentes de zero até 18 anos com câncer, na sua grande maioria carente e em situação de vulnerabilidade social, residentes nas cidades de Novo Hamburgo, São Leopoldo, Campo Bom, Dois Irmãos e Portão no Estado do Rio Grande do Sul. A AMO é uma entidade que atua na garantia do direito a proteção à vida e à saúde, de crianças e de adolescentes, com suspeita ou diagnóstico de câncer, com objetivo de permitir o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência. Oferece vários trabalhos de assistência na área de saúde, educação, esporte, lazer e em assistência social em geral. Sua missão é a de proporcionar maior qualidade de vida aos pacientes e seus familiares e oferece, dentre vários trabalhos que envolvem os pacientes e seus familiares, oficina de Arteterapia dentro do grupo de mães CQC (Cuidando de Quem Cuida). Assim, foi dentro de uma das oficinas de Arteterapia, que ocorriam a cada quinze dias que esta integração com o projeto “Aprendizagem com mobilidade - análise do impacto do uso de tecnologias móveis no processo de ensino e aprendizagem em crianças e adolescentes com necessidades de tratamento oncológico” foi realizada.

A população participante do estudo foi de conveniência, já que todas as treze participantes já frequentavam o grupo CQC. O grupo encontrava-se de quinze em quinze dias em espaço específico dentro da AMO. Para coleta de dados utilizou-se instrumentos como: as produções expressivas realizadas pelas participantes, suas falas e o diário da arteterapeuta. Todas as participantes preencheram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as normas da resolução nº 466 de 12 de dezembro

de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que trata da pesquisa envolvendo seres humanos. Este estudo faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Aprendizagem com mobilidade – análise do impacto do uso de tecnologias móveis no processo de ensino e aprendizagem em crianças e adolescentes com necessidades de tratamento oncológico”, desenvolvido pela Universidade Feevale.

O grupo CQC se encontrava quinzenalmente e realizava atividades de Arteterapia com o intuito de oferecer um espaço de escuta para estas pessoas. O objetivo das atividades aqui relatadas foi o de possibilitar o uso dos recursos digitais disponíveis no *tablet*, em especial os aplicativos que envolvem o contexto da arte, estabelecendo um hibridismo de processo no qual se trabalhou com o plástico e também com o digital.

Relato das experiências e discussão dos resultados

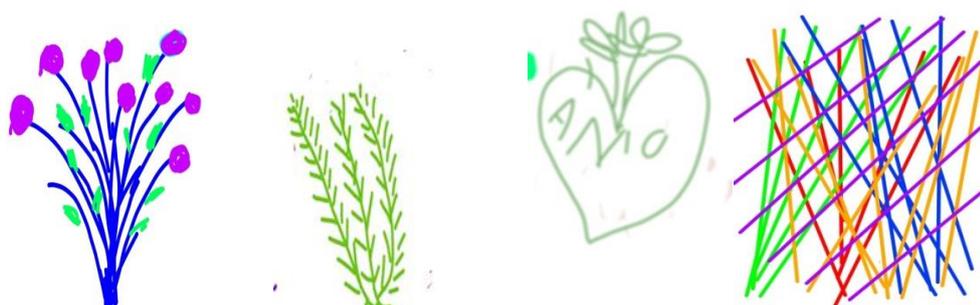
Foram realizadas quatro oficinas específicas com os *tablets*, nas quais as participantes (cuidadoras) puderam experienciar este recurso. Sempre se procurou realizar atividades que pudessem utilizar processos híbridos, ou seja, recorrer tanto a recursos plásticos materiais como a digitais. Algumas vezes, iniciou-se pelos primeiros recursos (plásticos), outras, pelo segundo (digitais, acima citados). Aqui serão relatadas duas das atividades que resultaram mais significativas.

As oficinas, nas quais se utilizou os *tablets*, ocorreram em horário previamente estabelecido para o grupo CQC (Cuidando de Quem Cuida). A estas oficinas seguiram-se outras que complementaram o que havia sido iniciado com a utilização dos *tablets*.

Na primeira oficina utilizou-se o aplicativo *Draw and Paint*, que é voltado para desenho livre e pintura. Além disso, também foi oferecido às mães/avós papel, canetinhas e giz de cera. A atividade foi realizada ao ar livre. Primeiramente, elas participaram de um relaxamento deitadas em colchonetes no jardim da AMO, depois foi contada a primeira parte de um conto oriental retirado de Secco (2001) intitulado “A semente da verdade”. Foi pedido que desenhassem o que elas achavam que havia nascido no vaso. A seguir as cuidadoras utilizaram os *tablets*, se apropriando dessa tecnologia. Com o *tablet* em mãos, elas usaram o aplicativo *Draw and Paint* para fazer desenhos referentes à história que tinham ouvido. Num primeiro momento, elas estavam apreensivas, porque nunca tinham usado essa tecnologia. Como não havia *tablets* suficientes para o número de participantes presentes, ocorreu um revezamento, sendo que algumas desenhavam nos *tablets* e outras desenhavam no papel, depois trocavam

para que todas tivessem a mesma experiência. Os desenhos foram salvos no *tablet*. O resultado da atividade pode ser observado na figura abaixo:

Figura 1 - O que nasceu nos vasos



Fonte: elaborado pelas participantes

O revezamento na utilização das ferramentas digitais ocorreu devido ao fato de o número de *tablets* disponíveis ser menor do que o número de participantes. Porém, esta forma de utilização não afetou o desenvolvimento da atividade já que todas as participantes puderam experimentar as duas formas: plástica e digital e ainda puderam auxiliar uma a outra no momento do compartilhamento.

Dentro do desenvolvimento da atividade arteterapêutica, a expressão do sentido é momento importante do processo, por isso, após terminarem a atividade, as participantes expressaram como se sentiram. Uma delas disse que foi mais fácil do que pensava, outra falou: “Ah, agora entendo porque meu filho não quer largar o computador!” E mais uma afirmou: “Agora posso participar com meu filho quando ele estiver fazendo alguma atividade no *tablet* ou no computador”.

Confirma-se que o papel das novas mídias pode ser muito relevante, inclusive em uma atividade que utiliza a expressão plástica como fundamento e é especialmente importante reconhecer que o sistema tecnológico não se resume a dispositivos e redes, mas também é apropriado em espaços sócio-técnicos (SANTAELLA, 2010), como o das oficinas do Grupo CQC, já que ao aprenderem a utilizar os *tablets* as participantes puderam se aproximar da realidade vivida por seus filhos quando utilizam esta ferramenta, principalmente quando não puderem frequentar a escola devido à doença, ou quando estiverem hospitalizados.

Ressalta-se que não se pode definir *a priori* como um dispositivo vai ser utilizado em todos os contextos e principalmente que configurações poderão surgir na medida em

que grupos de pessoas e dispositivos se encontram em torno de diferentes objetivos e atividades. Portanto, foi com bastante satisfação que verificamos a adesão das participantes à proposta, verificada pela pronta participação de todas e pela satisfação ao conseguirem expressarem o que sentiam através de um instrumento que era anteriormente desconhecido para elas.

Na atividade seguinte utilizou-se os aplicativos: câmera do *tablet*, *Draw and Paint* e *Mandala Free* (que possibilita a elaboração de mandalas de forma livre, através de desenho ou de pintura digital). Desta vez, a atividade foi realizada dentro da sala de atividades do grupo CQC, porque estava chovendo. Primeiramente realizou-se um relaxamento dirigido. Depois do relaxamento, as participantes tinham que escolher em revistas imagens que chamassem atenção e com elas elaborar uma mandala em uma folha de papel pardo já previamente recortada no formato de um círculo. Cada participante criou sua mandala.

Importante informar que as participantes já haviam elaborado outras mandalas em atividades arteterapêuticas realizadas anteriormente, com o mesmo grupo. Ocorreu também que havia a possibilidade de utilizar-se o programa *Mandala Free*, para que as participantes pudessem elaborar suas mandalas agora de forma digital e também de forma integrada: digital e plástica.

Jung (2002, p. 385-387) em seus estudos explica que:

A palavra sânscrita mandala significa “círculo” no sentido habitual da palavra. No âmbito dos costumes religiosos e da Psicologia, designa imagens circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente, ou danças.

Estudiosos dos símbolos, Chevalier; Gheerbrant (2001) explicitam que a mandala é, concomitantemente, a imagem e o motor da ascensão espiritual, que procede de uma interiorização cada vez mais elevada da vida. É, ainda, através de uma concentração progressiva do múltiplo no uno que o eu pode ser integrado no todo e o todo reintegrado no eu.

O resultado da expressão das participantes pode ser observado na figura 2 a seguir.

Figura 2 - Mandala elaborada por uma mãe



Fonte: elaborado por uma das participantes

Assim, ao terminarem a elaboração da colagem, as participantes fotografaram as mandalas com o *tablet* e, a partir da imagem obtida, utilizando o aplicativo *Draw and Paint*, interferiram e modificaram a foto, acrescentando efeitos diversos como pode ser observado na figura abaixo.

Figura 3 - Interferência com a utilização do *tablet* sobre mandala previamente construída e fotografada

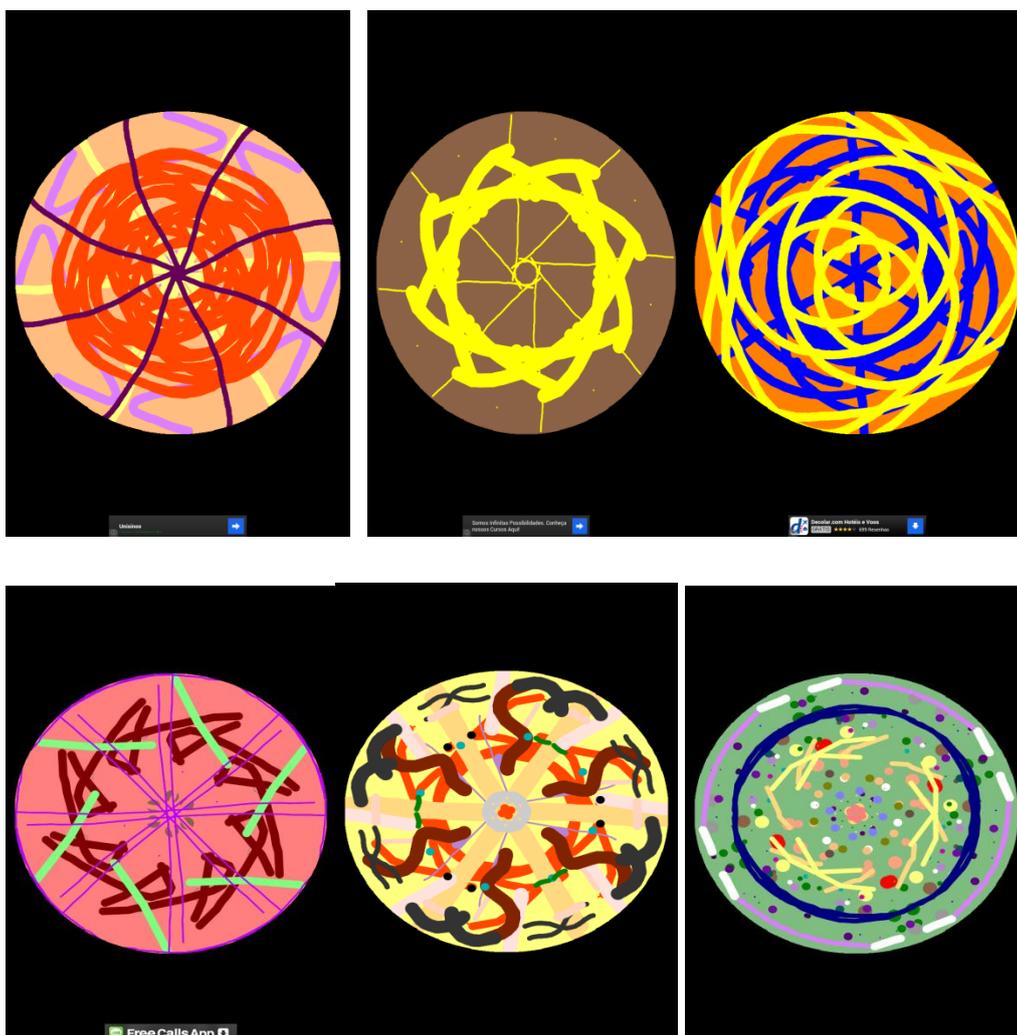


Fonte: elaborado por uma das participantes

Santaella (2010) nos informa que as artes dos corpos híbridos começaram a diversificar-se desde as possibilidades abertas pela realidade mista, realidade aumentada, computação vestível e ambientes inteligentes. Esta realidade mista é composta de uma parte de realidade virtual (intervenção que as participantes fizeram na mandala com figuras coladas no papel pardo) realizada através de aplicativos do *tablet* que envolve a fusão de mundos reais e virtuais no *continuum* da virtualidade, conectando ambientes completamente reais com ambientes completamente virtuais. (SANTAELLA, 2010). Fotos, vídeos, poesias, histórias ou outros elementos de qualidade, criados pelos participantes de atividades expressivas, podem ter outro destino que não a lixeira ou a prateleira da sala de atividades do grupo CQC. Atividades de sucesso, casos desafiadores em contextos variados fornecem riquíssimas oportunidades de aprendizado que muitas vezes são perdidas e ignoradas. (AMIÉL, 2012).

Depois disto foram utilizados outros aplicativos, o primeiro deles foi o aplicativo *Mandala free*, que possibilita que se desenhe uma mandala e depois se salve o desenho criado. Algumas das mandalas elaboradas pelas participantes podem ser observadas na figura 4, a seguir.

Figura 4 - Mandalas criadas com o aplicativo



Fonte: elaborado pelas participantes

As cuidadoras gostaram muito de utilizar o *tablet*, em especial porque tudo era novidade, elas nunca haviam utilizado um *tablet* e uma mostrava para a outra o que havia resultado do seu trabalho. Além disso, repetiu-se um movimento já ocorrido na oficina anterior na qual, na medida em que elas iam se apropriando da utilização da tecnologia, iam também se ajudando mutuamente sempre que alguma delas tivesse alguma dificuldade em usar os aplicativos.

Sabe-se que o processo relacional é, em si, um processo de criação, porém ao fazê-lo certamente são adicionados elementos originais. (AMIÉL, 2012). Portanto, através das construções elaboradas pelas participantes foi produzido ou criado um novo elemento, e esta criação ocorreu também por meio do processo de interação realizado por e entre elas.

Comprovou-se que os *tablets* podem ser utilizados como instrumentos dentro de oficinas arteterapêuticas sem interferir no processo, desde que se tenha conhecimento de como funcionam ou ocorra a presença de uma pessoa que auxilie na utilização destes recursos. Salienta-se que cada aplicativo apresenta ferramentas diferenciadas que precisam ser aprendidas para poderem ser utilizadas. Caso as participantes não conseguissem utilizá-las e não houvesse alguém disponível para auxiliá-las o desenvolvimento da atividade estaria comprometido ou não poderia ser realizada.

Considerações finais

Este artigo demonstrou que é possível utilizar-se de meios híbridos (material e digital) ao se realizar atividades arteterapêuticas em grupos. As participantes mostraram-se receptivas à proposta e puderam, além de expressarem-se, aprender a utilizar novas tecnologias.

Portanto, ao realizarmos atendimento ao grupo de cuidadoras das crianças/adolescentes com câncer também cuidamos para que as crianças pudessem indiretamente ser beneficiadas. Se o cuidador estiver bem há grande chance de o doente conseguir lidar, de forma mais resiliente, com as dificuldades ou limitações advindas da própria doença.

Assim, durante as atividades, a construção coletiva pode ser exercitada, as participantes das atividades puderam utilizar os aplicativos *Draw and Paint*, *Mandalas Free* e câmera do *tablet* de forma proveitosa, trazendo novos saberes e habilidades para suas vidas. Desta forma, o *tablet* se mostrou um instrumento adequado para ser utilizado em uma atividade arteterapêutica, sem interferir no desenvolvimento da mesma, pois possibilitou, além da aprendizagem de como utilizá-lo, a criação de formas diferentes de interferência em construções plásticas elaboradas pelas participantes do CQC.

Outro aspecto interessante, já comentado nos resultados, refere-se à mudança de percepção das cuidadoras em relação à utilização do *tablet*. Agora, elas entendem porque os filhos e netos gostam de utilizá-lo, além de poder também auxiliá-los de alguma forma quando eles estiverem realizando alguma tarefa.

Neste estudo realizou-se a integração entre recursos expressivos gráficos e recursos digitais possibilitados pelo *tablet*, de forma que as participantes puderam configurar representações de seu sentir, de suas dificuldades, de seu viver, de si mesmas, tanto através dos primeiros recursos (materiais) como dos segundos (digitais), estabelecendo novas configurações. A Arteterapia, mais uma vez, demonstrou seu

caráter transdisciplinar ao possibilitar que aprendizagem, terapia, arte e novas tecnologias possam ser utilizadas de forma integrada em uma mesma atividade.

REFERÊNCIAS

- AMIEL, Tel. Educação aberta: configurando ambientes, práticas e recursos educacionais. In: SANTANA, Bianca.; ROSSINI, Carolina.; PRETTO, Nelson De Lucca. (Org.). **Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. p.17-34. Disponível em: <<http://www.livrorea.net.br/livro/livroREA-1educacao-mai2012.pdf>>. Acesso em: 06 de Maio. 2016.
- ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA EM ONCOPEDIATRIA. Disponível em:<<http://www.amocrianca.com.br>>. Acesso em: 06 de Maio. 2016.
- BARBOSA, Debora.; BASSANI, Patricia. Em direção a uma aprendizagem mais lúdica, significativa e participativa: experiências com o uso de jogos educacionais, tecnologias móveis e comunidade virtual com sujeitos em tratamento oncológico. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v.11. p.1-10, 2013.
- BARBOSA, Jorge *et al.* Computação móvel e ubíqua no contexto de uma graduação de referência. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, São Paulo, v. 15. p.53-65, 2007.
- BARBOSA, Debora *et al.* Em direção a Educação Ubíqua: aprender sempre, em qualquer lugar, com qualquer dispositivo. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 6, p. 1 – 10, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- CASTAÑEDA, Linda.; ADELL, Jordi. (Org.). **Entornos personales de aprendizaje: claves para el ecosistema educativo em red**. Alcoy: Marfil, 2013. Disponível em: <http://tecnologiaedu.us.es/tecnoedu/images/stories/Ana_PLE.pdf>. Acesso em: 06 de Maio. 2016.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- COLAGRANDE, Claudia. **Arteterapia na prática**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
- COUTINHO, V. **Arteterapia para crianças**. Rio de Janeiro: Wak, 2005.
- ELTZ, Patricia.; BASSANI, Patricia. Mapeamento nas práticas pedagógicas com a WEB 2.0 na educação básica. In: **Anais do seminário de pós-graduação**, Novo Hamburgo, p.286-300, Jul./Dez. 2013, p.286-300.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARÇAL, Edgar *et al.* Aprendizagem utilizando dispositivos moveis com sistemas de realidade virtual. **Revista novas tecnologias na educação**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2005. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/a51_realidadevirtual_revisado.pdf>. Acesso em: 06 de Maio. 2016.

MENEZES, A.; WEINREB, M.; WOSIACK, R. Cuidando do cuidador. In: TOMMASI, S. **Arteterapeuta, um Cuidador da psiquê**. São Paulo: Vetor, 2011.

PATERLINI, A.; BOEMER, M. A reinserção escolar na área de oncologia infantil – avanços & perspectivas. **Revista Eletronica em Enfermagem**, v. 10, n. 4, p. 1152-1158, 2008. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a28.htm>>. Acesso em: 06 de Maio. 2016.

PHILIPPINI, Ângela. **Cartografias da coragem para entender arteterapia**. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

REISIN, Alejandro. **Arteterapia: semânticas e morfologias**. São Paulo: Vetor, 2006.

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista da comunicação** – conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SECCO, P. E. **A semente da verdade**. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

SHNEIDERMANN, B. **O laptop de Leonardo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SZYMANSKI, Heloisa.; CURY, Vera. A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 9, n. 2, 2004.

WOSIACK, Raquel et al. Quem se exprime, não se deprime: psicologia corporal e arteterapia fortalecendo a resiliência de adolescentes. In: **Anais do seminário de pós-graduação**, Novo Hamburgo, p.132-137. Jul./Dez. 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Busca?txtPesquisar=Anais+de+Semin%C3%A1rio+de+P%C3%B3s+Gradua%C3%A7%C3%A3o++Novo+Hamburgo%3A+Universidade+Feevale%2C+2013.> Acesso em: 15 de Jun. 2017.